

**BARREIRO, Álvaro, *Igreja, Povo Santo e Pecador: estudo sobre a dimensão eclesial da fé cristã, a santidade e o pecado na Igreja, a crítica e a fidelidade à Igreja*, Loyola, 2001<sup>2</sup>, 228 pp.**

Álvaro Barreiro é padre jesuíta, doutor em Eclesiologia pela Universidade Gregoriana de Roma, por longos anos professor na Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, Belo Horizonte – MG.

Sua obra, *Igreja, Povo Santo e Pecador*, está estruturada didaticamente em três partes, mais introdução e anexos, com um único objetivo: o de mostrar que a fé cristã ou é eclesial, isto é comunitária, ou não é cristã.

O mérito do autor está em sua fundamentação na realidade eclesial atual, articulada com documentos da Igreja, com obras de teólogos renomados como por exemplo, Y. Congar, K. Rahner, entre outros, além de textos da Sagrada Escritura.

O autor parte de questionamentos radicais feitos hoje à Igreja. Estes, por sua vez, levam-nos a questionar sobre a própria identidade e a própria razão de ser da Igreja.

Por outro lado, Pe. Álvaro Barreiro tenta dar uma resposta fundamental às dificuldades encontradas pelos cristãos atualmente, para aceitar e viver a dimensão eclesial da fé, mostrando assim, como a fé é e sempre foi comunitária, e como foram elaborados os primeiros símbolos da fé que é matriz e horizonte dos cristãos.

Por fim, o autor conclui sua magnífica obra demonstrando como, na vida da Igreja, desde os tempos apostólicos, estão presentes graça e pecado. Indica também as razões teológicas acerca da fidelidade à Igreja.

Seguindo o esquema do livro, procuramos, de maneira sintética, dar conta daquelas idéias desenvolvidas pelo autor em cada parte, nesta sua belíssima obra.

## Primeira Parte: A Igreja em questão

Nesta primeira parte, o autor, apresentando alguns questionamentos feitos à Igreja, não quer apresentá-los em relação aos pontos particulares de sua doutrina, ou de sua prática, mas sim, no que diz respeito à sua própria existência como Igreja. Após mostrar estes questionamentos o autor dá algumas pistas de como Cristo e a Igreja são inseparáveis e, portanto, como a dimensão eclesial é constitutiva da fé cristã.

Estes questionamentos têm por base vários fatores como, a fé que passa para o âmbito privado (fé individualista e intimista); também a modernidade que contribui para uma “desafeição eclesial”; o fator de que muitos acreditam em Deus, muitos ainda acreditam em Jesus Cristo, mas nem tantos acreditam na Igreja. Por esta razão, a Igreja é vista mais como obstáculo do que como ajuda no caminho para a fé em Jesus Cristo. Os que pensam assim, vivem longe da dimensão eclesial da fé.

Por outro lado a Igreja sem Jesus Cristo não seria uma Igreja do NT. O acesso a Jesus Cristo, o encontro pessoal com Ele e a fé nele, só são possíveis através da Igreja. Esta verdade é desprezada pelos herdeiros do Iluminismo, e hoje pela fragmentação e descrédito das religiões institucionalizadas.

Todavia, sem esta Igreja, comunidade litúrgica, que celebra na ação de graças o memorial da vida, da morte e da ressurreição de Jesus, as palavras e os gestos de Jesus, sua pessoa e sua missão, sua memória, enfim, se diluiriam num passado cada vez mais longínquo e Jesus Cristo deixaria de ser uma figura viva, atual.

Diante disto, o autor apresenta o fato de Jesus Cristo e a Igreja serem inseparáveis mas serem, ao mesmo tempo, distintos. A Igreja deve recordar a ação de Jesus e deve sempre se colocar como seguidora, discípula de Jesus. Assim, a Igreja não tem sentido a não ser em referência a Jesus Cristo e a seu Evangelho. É a partir da fé em Jesus que a Igreja poderá encontrar sua razão de ser, e prestar seu serviço específico ao homem contemporâneo, sem perder a identidade nem a sua relevância.

## Segunda Parte: A Igreja como matriz e horizonte da Fé

Partindo da idéia de que a fé cristã é uma experiência pessoal de encontro com Deus e de acolhida do dom de Deus, o autor afirma que este dom nunca poderá ser reduzido a uma experiência individualista, pois a fé não só é recebida através da Igreja como também ela é transmitida, professada e aprofundada na comunidade eclesial.

Uma fé não eclesial não é fé cristã. Acolhido pessoalmente no seio da comunidade cristã, o dom da fé é recebido para a própria salvação e para ser transmitido aos outros no espaço e no tempo, porque uma fé que não é transmitida morre.

Por esta razão, tanto para o Antigo como para o Novo Testamento uma fé não eclesial é uma contradição nos próprios termos. Para o homem da época moderna, porém, a dimensão eclesial, constitutiva da fé cristã, apresenta uma dificuldade a um tempo prática e teórica. Com efeito, é difícil para o homem de hoje aceitar verdades definidas como obrigatórias para pertencer à Igreja (*regula fidei*) e, mais particularmente, acolher a autoridade do Magistério eclesiástico, porque esta aceitação, pelo menos num primeiro momento, é sentida por ele como um atentado à autonomia de sua razão, de sua liberdade e de sua ação.

Justamente porque em nossos dias a dimensão eclesial da fé constitui com freqüência um problema para os cristãos, o autor vai aprofundando estas questões referindo-se à dimensão eclesial da fé, e analisa nesta parte o sentido e o conteúdo da expressão “a fé da Igreja”, isto é, expressão que significa a subjetividade eclesial da fé. Isto quer dizer a fé como uma realidade viva na Igreja que crê, e também levanta a questão sobre “a fé na Igreja”, manifestando que a Igreja, de alguma maneira, é objeto de fé, e também é nela que encontramos o lugar comunitário no qual se realiza o ato da fé pessoal. Nesta ótica a fé na Igreja, segundo o autor, é vista como matriz, como húmus e o habitat onde nasce, cresce e dá frutos a fé dos cristãos.

### Terceira Parte: Crítica e fidelidade à Igreja

O autor inicia esta terceira parte falando sobre a Santidade, palavra hebraica que significa cortar, separar. No AT quem santifica é Deus, torna santo os lugares, templos, objetos e sobretudo as pessoas. No NT Deus também santifica, mas agora revelando-se como Trindade através de Jesus Cristo e do Espírito Santo.

A Igreja é também, por outro lado, chamada de casta meretriz em referência aos fiéis que não mostram amor nem obras na sua vida cristã. É também casta meretriz quando é infiel, e seus filhos se prostituem, isto é, quando pecam. A Igreja é ao mesmo tempo fiel e infiel, Santa e pecadora, em todos os lugares e em todos os tempos. Por isso ela tem que ser purificada pelo seu Senhor durante toda a sua peregrinação.

A Igreja é Santa enquanto é *Ecclesia*, isto é, convocação de Deus. Porém, nem todos co-respondem com a mesma fidelidade ao chamado de Deus. A graça é oferecida a todos, mas nem todos acolhem-na igualmente.

A Igreja por outro lado, é pecadora na medida que:

- Tem pecadores, mas não é pecadora na sua totalidade (porque continuamente santificada por Aquele que a habita)
- No decorrer da história através do pecado pessoal de seus membros, se manifestam ambições, abusos de poder, orgulho, cobiça etc
- Na sua estrutura histórica e nos seus membros, a Igreja é pecadora. Na sua existência histórica a Igreja tem sua beleza desfigurada pelas infidelidades e pecados.

É com base nisto que o autor afirma ser necessário retomar a fidelidade à Igreja e, isto só será possível na medida, diz ele, em que nossa relação com a Igreja for a mesma relação da Igreja com Cristo: uma relação de Amor. Nessa relação Cristo é primeiro, é ele que toma a iniciativa. Assim, a Igreja estará sempre diante de Cristo como esposa, desde sempre escolhida, purificada e santificada, embelezada e glorificada por ele. É este amor à Igreja que vai levar ao profetismo

intra-eclesial capaz de criticar na caridade chamando à conversão, o contrário de um profetismo sem amor que leva à divisão e à separação.

Enquanto a entrega de Cristo à Igreja é absolutamente fiel e definitiva, irreversível e indestrutível, a entrega da Igreja a Cristo é uma entrega vivida na fragilidade, submetida sempre a tentação da infidelidade, e que necessita purificar-se sempre de novo.

### **Síntese conclusiva**

A modo de conclusão desta obra, o autor apresenta 7 razões do amor e da fidelidade à Igreja. Estas 7 razões são talvez uma tentativa de esperança, de resposta, a uma crítica ou a um questionamento vindo de fora, ou uma dúvida ou desconforto pessoal vindo de dentro. Assim, apresenta Pe. Álvaro Barreiro:

**Fidelidade de Deus:** Devemos permanecer fiéis à Igreja por causa da fidelidade do Senhor à sua Igreja.

**Igreja da qual recebemos o credo:** Cremos na Igreja, aderimos à Igreja, amamos a Igreja porque ela continua sendo o lugar da Tradição. Ela nos entrega o símbolo dos apóstolos, o conteúdo da fé apostólica. Ao acolhê-los somos inseridos na comunidade dos fiéis.

**A Igreja Mãe:** A Igreja é matriz, a placenta vital onde é gerada, nasce, cresce e se torna fecunda nossa fé cristã. Podemos e devemos amar a Igreja, crer e confiar na Igreja, porque ela é nossa mãe.

**A Igreja comunhão dos santos:** A maternidade santa e fecunda da Igreja mãe gera sempre novos santos. Através da vida de fé, de esperança e de caridade de seus filhos, traduzida nas mais variadas formas de serviço e carisma, a Igreja santifica também o mundo.

**A Igreja dos pecadores:** A presença do pecado na Igreja não é, porém, motivo para abalar nossa fidelidade eclesial. Pois a Igreja é e sempre será, apesar de todas as infidelidades, o lugar da graça de Deus. Ela é sempre portadora da graça vitoriosa de Deus.

**Igreja criticada e desprezada:** Assim como ontem, também hoje, em nossos dias, das formas mais diversas e nos contextos mais variados, o ministério apostólico é desprezado e humilhado, por isso,

uma Igreja que deixasse de ser desprezada e humilhada não seria mais a Igreja de Jesus Cristo.

**A Igreja depositária e servidora do Evangelho:** Nossa fidelidade e nosso amor à Igreja estão fundamentados no fato de ser ela depositária, anunciadora e servidora do Jesus dos Evangelhos, que ela conserva e transmite para cada cristão e para toda a humanidade.

Enfim, a obra é um livro compacto, que deve ser lido e refletido na sua totalidade para se poder captar a profundidade da reflexão teológica (eclesiológica) que apresenta. É uma obra que poderíamos chamar de "Eclesiologia fundamental" e que pela sua boa aceitação já está na segunda edição.

*Alexander Luiz Dezotti cursa o 4º ano de Teologia na FTCR da PUC-Campinas.*